

UMA ANÁLISE SEMIOLINGÜÍSTICA DA CANÇÃO “A RITA” DE CHICO BUARQUE

Graziela Borguignon Mota (UFF)

borguignon.graziela@gmail.com

Patricia Ferreira Neves Ribeiro (UFF)

RESUMO

Neste artigo, interessamo-nos por estudar práticas discursivas languageiras que circulam como letras de canção em nosso meio. A escolha da letra de canção como prática discursiva surgiu com o desejo de pensarmos a constituição da linguagem na obra de Chico Buarque de Holanda. Se o objetivo do ato comunicativo é a intercompreensão, para cada finalidade comunicativa o sujeito falante poderá dispor de diferentes modos de organização do discurso. Interessa-nos, em especial, o modo de organização narrativo. Objetivamos, neste estudo, analisar o plano macroestrutural e microestrutural da mininarrativa “A Rita”, para flagrarmos a rede de representações sociodiscursivas e as estratégias linguístico-discursivas utilizadas na letra de canção em análise. Adotamos como eixo teórico os estudos de Patrick Charaudeau (2005; 2008; 2010). A análise de “A Rita” nos possibilitou identificar estratégias linguístico-discursivas utilizadas por Chico Buarque para escapar da censura. A identificação dessas estratégias timbradas na canção analisada reforça o caráter histórico de suas composições sobre um Brasil “emudecido” pelo governo ditatorial.

Palavras-chave: Semiologia. Análise do discurso. A Rita. Chico Buarque.

1. Apresentação

Este artigo apresenta um recorte da pesquisa em andamento “A expressão de um imaginário sociodiscursivo na temática feminina da obra de Chico Buarque”.

Neste trabalho, interessamo-nos por estudar práticas discursivas languageiras que circulam como letras de canção em nosso meio. A escolha da letra de canção como prática discursiva surgiu com o desejo de pensarmos a constituição da linguagem na obra de um expressivo compositor da música popular brasileira. Diante de tantos mestres no cenário

da música nacional, elegemos a obra de Chico Buarque de Holanda para refletir sobre os pontos de vista depreendidos de parte de sua rica produção musical.

Objetivamos, neste estudo, analisar o plano macroestrutural e microestrutural da mininarrativa “A Rita”, para flagrarmos a rede de representações sociodiscursivas e as estratégias linguístico-discursivas utilizadas na letra de canção em análise. Adotamos como eixo teórico a análise semiolinguística do discurso de Patrick Charaudeau (2006; 2008; 2010).

2. Aspectos teóricos

A análise semiolinguística do discurso, fundada por Patrick Charaudeau em 1983 no âmbito das análises do discurso, concebe seu objeto – o ato de linguagem – como um processo comunicativo não simétrico, produzido por interlocutores agentes, dotados de intenções e situados em contextos sócio-históricos.

Nessa perspectiva teórica, o ato de linguagem está relacionado à totalidade da encenação languageira. Configura-se a partir da instância da produção e da instância da interpretação. O sujeito produtor de um ato de linguagem formula seu discurso apostando que seu interlocutor compartilhará de seus dizeres. Já o interlocutor, por seu turno, para alcançar a significação pretendida, deverá acionar seus conhecimentos para a compreensão do enunciado. De acordo com essa visão teórica, o locutor e interlocutor estão sempre em interação, ambos são responsáveis pela construção do sentido. O receptor é visto como um ser ativo, coenunciador do ato de linguagem.

O ato de linguagem implica um *contrato de comunicação*, como um acordo que se estabelece entre os sujeitos interagentes, aliado às condições de produção e aos saberes compartilhados. Segundo Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 132), o termo *contrato de comunicação* é empregado para designar o que faz com que o ato de comunicação seja reconhecido como válido do ponto de vista do sentido. Essa relação contratual permite aos parceiros do ato de linguagem que se compreendam e que possam interagir, construindo o sentido, finalidade do ato de comunicação. É importante ressaltar a importância que Charaudeau (2008) dá ao contrato de comunicação, visto como conceito central, que abarca o conjunto das condições em que se realiza o ato comunicativo, independente

da forma, seja oral ou escrita, monolocutiva ou interlocutiva. Charaudeau (2008, p. 56) esclarece:

A noção de contrato pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações linguageiras dessas práticas sociais. Em decorrência disso, o sujeito comunicante sempre pode supor que o outro possui uma competência linguageira de reconhecimento análoga à sua. Nesta perspectiva, o ato de linguagem torna-se uma proposição que o EU faz ao TU e da qual ele espera uma contrapartida de convivência.

Para a análise semiolinguística do discurso importam os *possíveis interpretativos*, que aparecem no ponto de encontro da instância da produção e da instância da interpretação. Isto não significa dar conta do ponto de vista do sujeito comunicante (EU-c) ou do sujeito interpretante (TU-i), ao contrário, pretende-se uma análise a partir do entrecruzamento de olhares dos sujeitos existentes no ato de linguagem (parceiros e protagonistas), atualizando a investigação tradicional de análise textual que busca apenas *quem fala e para quais sujeitos o texto faz falar*. Tendo como base a dimensão do processo comunicativo, é importante reconhecer as flutuações de sentido das formas linguísticas, os traços identitários dos sujeitos, o contexto e a situação da troca, uma vez que a reunião desses elementos resulta em possibilidades de interpretação de um ato de linguagem.

A partir da reflexão sobre os componentes da organização discursiva, Charaudeau (2008) propõe em obra intitulada *Linguagem e Discurso: Modos de Organização*, que para cada finalidade comunicativa o sujeito falante poderá dispor de diferentes modos: o descritivo, o narrativo, o argumentativo e o enunciativo.

É necessário salientar que para este artigo o modo narrativo é particularmente importante para efeito de captura do ponto de vista do enunciador e dos imaginários sociodiscursivos correspondentes na cena enunciativa.

Segundo Charaudeau (2008, p. 156) a *narrativa* é uma totalidade e o modo de organização *narrativo* um de seus componentes. A narrativa corresponde à finalidade do “que é contar?” e, para tal, é preciso, concomitantemente, descrever *ações* e *qualificações*, isto é, utiliza os modos de organização do discurso que são o *Narrativo* e *Descritivo*. Assim, para o linguista francês, *Contar* é “também construir um universo de representações das ações humanas por meio de um duplo imaginário baseado em dois tipos de crenças que dizem respeito ao mundo, ao ser humano e à

verdade”. O autor enfatiza que não se pode confundir *narrativa* e modo *Narrativo* ou (*Descritivo*), a primeira englobando os dois outros (CHARAUDEAU, 2008, p. 154).

Ao reconhecer a complexidade do processo narrativo, Charaudeau (2008, p. 184) postula a existência de uma *mise en scène* narrativa, que, assim como a troca comunicativa, pressupõe quatro sujeitos interagentes articulados em dois espaços de significação: um espaço externo ao texto (extratextual) e um espaço interno ao texto (intratextual). O espaço extratextual é o lugar dos parceiros da troca linguageira, seres de identidade psicossocial, denominados: autor e leitor reais. Já o espaço intratextual é ocupado por protagonistas da narrativa, seres de identidade discursiva, denominados: narrador e leitor-destinatário.

De acordo com a teoria semiolinguística do discurso, a realidade tem origem no processo de interpretação. Esta construção do real está associada ao sujeito e às condições de produção que emergem do contexto social em que ele está inserido. Por isso, segundo Charaudeau (2006, p. 195) as representações sociais devem ser consideradas aliadas a uma teoria do sujeito. Este, por sua vez, é em parte sobredeterminado pelas representações do grupo social ao qual pertence.

Na troca comunicativa, os sujeitos interagentes criam elos sociais oriundos de normas de comportamentos e estabelecem representações necessariamente compartilhadas. Portanto, para Charaudeau (2006, p.26), “as representações sociais organizam os esquemas de classificação e de julgamento de um grupo social e lhe permitem exhibir-se através de rituais, de estilizações de vida, de signos simbólicos”.

A realidade não possui significação em si mesma. De acordo com Charaudeau (*op. cit.*), o significado é concedido pelo homem em interação social, “a partir da relação que o homem mantém com a realidade por meio de sua experiência, e a que estabelece com os outros para alcançar o consenso de significação”.

Dessa maneira, as representações sociais constroem o real como universo de significação, constituindo-se em imaginários. Charaudeau (2006, p. 203) explica em sua análise que os imaginários são:

Identificados por enunciados linguageiros produzidos de diferentes formas, mas semanticamente reagrupáveis, nós os chamaremos de “imaginários discursivos”. Enfim, considerando que circulam no interior de um grupo social, instituindo-se em normas de referência por seus membros, falaremos de “imaginários sociodiscursivos”.

Charaudeau (2006) baseado na noção de imaginário social propõe, para integrar ao quadro teórico da semiolinguística, o conceito dos imaginários sociodiscursivos. Os imaginários são engendrados pelos discursos que circulam nos grupos sociais, que se organizam em sistemas de pensamento coerentemente criados de valores, representam o papel de justificativa da ação social e se depositam na memória coletiva (CHARAUDEAU, 2006b). Segundo o autor, os imaginários são apreendidos por meio do discurso e estão fundamentos em saberes de crença e saberes de conhecimento. Os saberes, então, são maneiras de dizer tais discursos enunciados, ao passo que colaboram para a estruturação dos sistemas de pensamento.

Portanto, na perspectiva de Charaudeau (2006, p. 203), o imaginário é construído a partir das representações percebidas e significadas sobre o real. Tal prática de significação produz os imaginários, os quais em contrapartida dão sentido a essa realidade.

3. *“A Rita” sob o viés da semiolinguística*

Para este estudo selecionamos a canção do intérprete Chico Buarque, “A Rita”, gravada em 1965. Observamos, primeiramente, sua temática, com vistas a interpretarmos seu contexto. Em seguida, analisamos o plano macroestrutural da narrativa para depreendermos a rede de representações sociodiscursivas, bem como as estratégias linguístico-discursivas timbradas na letra da canção.

A Rita

A Rita levou meu sorriso
 No sorriso dela
 Meu assunto
 Levou junto com ela
 E o que me é de direito
 Arrancou-me do peito
 E tem mais
 Levou seu retrato, seu trapo, seu prato
 Que papel!
 Uma imagem de São Francisco
 E um bom disco de Noel

A Rita matou nosso amor
 De vingança
 Nem herança deixou
 Não levou um tostão
 Porque não tinha não

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Mas causou perdas e danos
Levou os meus planos
Meus pobres enganos
Os meus vinte anos
O meu coração
E além de tudo
Me deixou mudo
Um violão

A Rita foi gravada em 1965, logo após a implantação da ditadura militar no país. Ainda neste ano de lançamento da canção, o Presidente Castelo Branco decretou o Ato Institucional número 2 (AI-2), que extinguiu os partidos políticos e determinou a eleição indireta para todos os governantes. Tal medida estabelecida no Brasil fomentou o absolutismo do regime ditatorial, acarretando perda de liberdade na instância social e engessamento no âmbito político.

No que diz respeito aos aspectos formais, a canção é composta por duas estrofes: a primeira é constituída de onze versos e a segunda de treze versos, diluídos em versos brancos (os quais não apresentam rimas regulares ou encadeadas). Em relação à sua tematização, notamos que a canção se apresenta, explicitamente, como uma história que conta a separação de um casal. Nesta narrativa, a desunião é relatada sob o ponto de vista do cônjuge, que reclama do abandono da personagem *Rita*. A despeito de um relato sobre a separação de um casal, postulamos a hipótese de que os textos de Chico Buarque fazem uma contestação à censura e isso poderá ser percebido no estudo dessa narrativa.

Procuramos observar o aspecto situacional de composição da canção, pois, como já dissemos, o momento político no Brasil era de Ditadura Militar e os meios de comunicação em geral tinham sido censurados pelo governo, assim como os movimentos sociais e culturais (teatro, música etc.), também cerceados em nome da “ordem”, a fim de inibir movimentos contra o regime vigente. Portanto, é neste cenário cerceado de violência, de perseguição política, exílio, de enfrentamento entre civis e militares que se encontrava a sociedade brasileira.

A canção “A Rita” torna-se discurso quando traz à cena esse período político recortado, a partir de uma encenação narrativa específica e de determinadas escolhas linguístico-discursivas encontradas no *texto*.

O desenvolvimento dessas pistas é essencial para alcançar o ponto de vista do sujeito enunciador sobre esse período da ditadura. No entanto, nesta canção, notamos, primeiramente, elementos explícitos textualmente

que indicam uma menção à mulher como personagem mandatária da dor masculina, expressa nos versos

A Rita levou meu sorriso
No sorriso dela
Meu assunto.

Esses elementos, no primeiro nível de leitura apontam para um campo semântico da *separação de casal* (do marido abandonado), conforme orientam as passagens “Levou junto com ela”, “Levou seu retrato”, “matou nosso amor”. Tal nível superficial de interpretação está ligado ao que Charaudeau (2008) denomina como *Simbolização Referencial*, por se tratar do nível explícito da linguagem.

Contudo, uma enunciação discursiva pode apresentar diferentes leituras e possibilidades interpretativas motivadas pelo nível implícito da linguagem, conforme designado por Charaudeau (2008) como “paráfrases seriais”, associado às informações que o sujeito interpretante possui das condições de produção e da situação comunicativa em que se insere o discurso. Calcados nesse nível implícito, defendemos a hipótese de que essa mesma mulher, representada na canção buarqueana, pode ser lida de acordo com outra possibilidade interpretativa, a partir dos versos

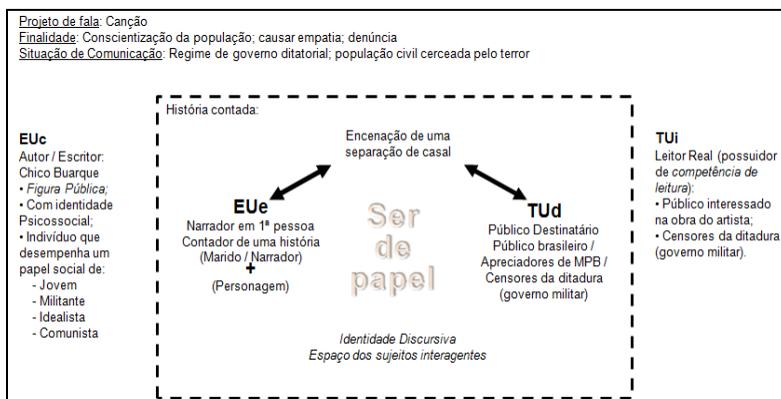
A Rita matou nosso amor
Levou os meus planos
Meus pobres enganos
Os meus vinte anos.

Nesse escopo, a “mulher” seria lida como o “Brasil ditador” que deixou mudo o sujeito militante, no âmbito de um campo semântico do *silêncio*, conforme verificamos em

Me deixou mudo
Um violão.

Para procedermos à análise da encenação narrativa da letra de canção “A Rita” adaptamos o quadro seguinte, proposto por Charaudeau (2008, p. 184).

No que diz respeito à organização discursiva da canção “A Rita”, verificamos a predominância do modo narrativo, já que o enunciador conta a sua história ao narrar o fim de sua relação amorosa com a personagem *Rita*. No entanto, há, nesse relato, como na comunicação em geral, a participação dos sujeitos interagentes, dotados de intenções, os quais desempenham determinados papéis enunciativos. Tais elementos segundo Charaudeau (2008) constituem a *mise en scène* narrativa.



**Esquema de representação da encenação narrativa em “A Rita”
 (Adaptado de Charaudeau, 2008, p. 184)**

Em relação à *identidade* do sujeito escritor, temos no circuito externo, como sujeito comunicante, espaço da instância situacional, o *Autor-escritor* Chico Buarque, que se caracteriza no circuito interno, como sujeito enunciativo, espaço da instância discursiva, o *autor-indivíduo-cronista*. Ao contar a sua dolorosa “separação” o enunciativo pretende convocar seu público a compartilhar um imaginário que aponta para a ruptura de um Brasil livre para um Brasil oprimido pela ditadura militar. Esse procedimento de presença e intervenção do autor-escritor Chico Buarque produz também um *efeito de verismo* – já que o escritor é um indivíduo que desempenha um papel social particular e um efeito de cumplicidade com o leitor (público brasileiro/apreciador de MPB) ao qual ele propõe, de alguma maneira, um *contrato de leitura*, a saber: reconhecimento de que Chico Buarque, um artista engajado nas causas sociais e política foi aliado de seu processo de composição.

Dessa maneira, ao contar a história em primeira pessoa, o narrador assume o *estatuto* de narrador-personagem que conta, por meio de uma história fictícia, a sua própria história de vida. *O narrador-personagem é ao mesmo tempo o autor-indivíduo e um indivíduo fictício*, resultado da mesclagem da identidade social e discursiva: no caso de Chico Buarque essas identidades não se descolam, tendo em vista sua penetração no imaginário coletivo brasileiro. Isso reforça o que Charaudeau disse em conversa informal no encontro com os alunos da pós-graduação (UFRJ – CIAD/2014). Segundo o autor, a identidade social e a identidade

de discursiva não podem ser consideradas isoladamente, principalmente, no caso de um autor de destaque cuja biografia é amplamente conhecida.

Com base nessa análise, acreditamos que o enunciador Chico Buarque representa o Brasil sobre o qual ele não pode tecer críticas pela imagem feminina. Por isso, concluímos que essa configuração de Brasil representada pela imagem da mulher pode representar a ditadura. Esta mulher “Rita” é o Brasil ditatorial. Finalmente, é importante dizer que Chico Buarque não cria o imaginário, ao contrário, ele se apropria do imaginário e, em contrapartida, devolve à comunidade social esse imaginário expresso em sua poesia.

4. *Considerações finais*

A análise de “A Rita” nos possibilitou identificar estratégias linguístico-discursivas utilizadas por Chico Buarque para escapar da censura. A identificação dessas estratégias timbradas na canção analisada reforça o caráter histórico de suas composições sobre um Brasil “emudecido” pelo governo ditatorial.

Pode-se dizer que, a partir da investigação da mininarrativa intitulada “A Rita”, podemos inferir o ponto de vista do enunciador Chico Buarque, pois conforme diz Charaudeau (2010, p. 32) “as representações sociodiscursivas são como mininarrativas que descrevem seres e cenas de vida, fragmentos narrados do mundo que revelam sempre um ponto de vista de um sujeito”.

Por isso, ao descortinarmos as representações sociodiscursivas, depreendemos dessa construção discursiva, um imaginário sociodiscursivo de resistência e militância frente ao regime ditatorial imposto no Brasil da década de 1960.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. Les stéréotypes, c’est bien, les imaginaires, c’est mieux. In: BOYER, H. *Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène*. Langue(s), discours, vol. 4. Paris: Harmattan, 2006b, p. 49-63.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, E.; MACHADO, Ida Lúcia. *As emoções no discurso*. São Paulo: Mercado de Letras, 2010.

_____; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

BUARQUE, Chico. *Chico Buarque*. Disponível em: <<http://www.chicobuarque.com.br>>. Acesso em: 13-07-2013.